

Uma metáfora da vida

Maria Carmem Oliveira Gomes, a baiana de Juazeiro que citei lá no início da reportagem, tem 62 anos. Diz que marcou um encontro consigo mesma e precisava honrar seu compromisso. Tem marido e dois filhos. O marido disse: “Não seria melhor gastar esse dinheiro tomando vinho verde em Lisboa? Ela disse: ‘O caminho é meu. O erro será meu também’” (veja vídeo).

Veio sozinha. Ela fala todos os dias com as duas irmãs, que tiram onda com o fato de Maria Carmem está indo todo dia à missa: “Aqui tu nunca ía, que milagre é esse?” E ela responde: “No caminho, as coisas ganham uma simbologia maior. Os sinos das igrejas dobram como se anunciassem nossa chegada”, justifica.

Isolada na pandemia, assistindo a séries e mais séries, diz que “agora veio ouvir sua própria voz”. Já tinha experimentado Machu Pichu e tem, nos planos, o Deserto do Atacama como próxima escala com destino ao autoconhecimento.

Aos poucos, ela vai traçando um paralelo do caminho com a própria vida. “No começo, eu vinha caminhando e tinha muito sentimento. Depois, ficou registrada para mim a palavra ‘autocuidado’, como precisamos ser cuidado conosco.”

Subindo a ladeira de Las Brujas, Maria Carmen pensava em autoperdão. “O caminho é todo metafórico. Tudo é transitório e atemporal. O caminho muda o tempo todo. E você precisa saber que é um ser humano em mudança. A palavra flexibilidade vem e é necessária para quem deseja ser mais espiritualizado, se tornar um ser de luz, administrar as próprias sombras, mas ser luz. Isso é o que o caminho está me trazendo”, relata.

Há um outro exercício no caminho: o desaparego. Sobre ele, a baiana se lembra que perdeu

Os amigos Cristina e Francisco, ela suíça e ele uruguaio, fazem o caminho juntos



Fotos: Ana Dubeux/CB/ D.A Press

uma das sandálias japonesas (Havaianas) numa ponte em Vilarinho e largou a outra na estrada. Não foi uma decisão fácil: “Nunca fiquei sem sandálias na vida. Podia faltar tudo em viagens, menos meu par de japonesa”.

Com o passar dos dias, ela foi abandonando as calcinhas usadas. A mochila ficou do tamanho exato do que pretendia carregar. Ela tem um jeito próprio de vivenciar as experiências de Santiago: faz reflexões diárias e define dois temas para análises mais profundas, como autoperdão e autorreconhecimento: “A gente precisa reforçar nossa luz”.

Sozinhos ou em grupos

Os peregrinos que viajam sozinhos ou em grupo atestam que os percursos são seguros e muito sossegados. “Aqui, como no Caminho Francês, não há motivo para medo”, garante Hugo Prado. Andasse muitos quilômetros sem avistar ninguém. João Mário, 53 anos, viu tanto homens quanto mulheres sozinhos nas rotas, nos albergues e nos cafés. Depois da primeira semana

no Caminho, a ciclista Tatiana Lira se sente segura para encarar a próxima viagem a pé e sem as sete amigas, que vieram do Porto a Compostela de bicicleta. “Vou convencer a minha mãe a vir sozinha também”. Ela acha que aos 70 não tem mais fôlego. Eu garanto que ela vai conseguir.

O exercício do desaparego

Em direção à luz, eu, Marta e Carlinda também vamos ficando mais leves. Sabíamos o que levar depois de lermos até a exaustão sobre o Caminho, mas erramos, mesmo trazendo pouca roupa — quatro camisetas, três calças de caminhada, uma bota e uma papete, além de capa/poncho para chuva, meias e um casaco.

Mesmo com pouco, descobrimos aqui que a mochila estava cheia demais para carregar. No meio do caminho, fomos largando o que não era primordial e ficamos com o essencial. E, por fim, em função da chuva e de vontade, utilizamos, em alguns trechos, o transporte de mochila.

É libertador não levar pesos ou descobrir o que pesa literalmente nas suas coisas, o que deve ser deixado para trás. Não há melhor lugar